

COVID-19 LONGA: ASPECTOS CLÍNICOS E FATORES DE RISCO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Daniel Carvalho De Menezes, Ana Cristina Carneiro Martins, Brena Suelen Gama

Macias, Alyne Talita Martires Cabral, Carmem Aliandra Freire De Sá, Elizabeth

Ferreira De Miranda, Ingrid Do Socorro Da Silva Pires De Almeida, Joice Cristina Gomes De Sousa, Silvia Mara Gomes Passos Miranda, Sara De Souza Pereira

DOI: 10.47094/ICOLUBRAIS.2021/22

Palavras-Chave: infecção viral. Sequelas. Suscetibilidade.

Introdução: COVID-19 longa define-se como a permanência de sintomas típicos de COVID-19 por mais de 4 semanas após o início da fase aguda. Este quadro em adultos está cada vez mais documentado, porém o acometimento em crianças e adolescentes ainda precisa ser melhor elucidado. Objetivos: Revisar publicações voltadas à investigação de COVID-19 longa em crianças e adolescentes, identificando-se os principais sintomas descritos e fatores de risco relacionados ao agravamento clínico nesta faixa etária. Métodos: Consistiu em revisão bibliográfica de estudos publicados no ano de 2021, presentes no banco de dados PubMed. Foram incluídos artigos em inglês e que investigaram a COVID-19 longa em crianças e adolescentes (<18 anos) confirmados laboratorialmente para COVID-19 durante a fase aguda. Não foram incluídas revisões bibliográficas. Resultados: Estudo de Asadi-Pooya e colaboradores (2021), no Irã, demonstrou que 26 crianças e adolescentes apresentavam sequelas sintomáticas relacionadas a COVID-19 longa após 3 meses do acometimento agudo. Os sintomas mais frequentes foram a fadiga, fraqueza corporal, baixa tolerância a exercícios e falta de ar. De maneira semelhante, a investigação de Buonsenso et. al. (2021) demonstrou que fadiga, insônia, dor na cabeça e músculos e congestão nasal foi frequente em 129 crianças e adolescentes avaliados 1 mês após a fase aguda na Itália. Osmanov et. al. (2021), em estudo longitudinal onde 518 crianças e adolescentes foram acompanhados por mais de 5 meses na Rússia, demonstrou que a fadiga foi o sintoma persistente com maior frequência, seguida de complicações sensoriais e do sono. Os mesmos autores descreveram que: maior idade; admissão em Unidade de Terapia Intensiva (UTI), doenças alérgicas pré-existentes e dor muscular no momento da admissão no hospital, favoreceram o risco de desenvolver sintomas persistentes de COVID-19. Considerações finais: Estes dados sugerem que menores de 18 anos se apresentam suscetíveis a desenvolver sintomas persistentes de COVID-19 por vários meses após o início da sintomatologia aguda e, portanto, compreender este acometimento se demonstra importante para a saúde da criança e do adolescente, impactando a tomada de decisões em saúde pública envolvendo estes grupos etários.